
Investigação-Ação-Participativa como metodologia para o estudo dos processos que (re)definem a identidade de gênero de mulheres haitianas nos espaços de migração no Oeste de Santa Catarina

Investigación-Acción-Participativa como metodología para el estudio de procesos que (re)definen la identidad de género de mujeres haitianas en espacios migratorios del Oeste de Santa Catarina, Brasil

Elizandra Iop * 

Resumo

O tema deste artigo consiste na Investigação-Ação-Participativa (IAP), como metodologia para o estudo dos processos que (re)definem a identidade de gênero de mulheres haitianas nos espaços de migração no Oeste de Santa Catarina (SC). O objetivo foi elaborar uma proposta metodológica orientada pela IAP para investigar quais processos que (re)definem a identidade de gênero de mulheres haitianas nos espaços de migração no Oeste de SC. A metodologia adotada para a elaboração deste artigo consistiu na pesquisa Bibliográfica fundamentada no pensamento Latino-americano orientado pela perspectiva teórica decolonial. O resultado foi a elaboração de uma proposta metodológica de investigação participativa em que nela consta o método e a metodologia, o campo de investigação, sujeitos da pesquisa, mensuração e análise dos dados. Conclui-se o artigo trazendo considerações a respeito da metodologia IAP para o estudo de populações que passaram e passam por um processo de marginalização social.

Palavras-chave: teoria decolonial; metodologia Investigação-Ação-Participativa – IAP; relações de gênero em espaços migratórios.

Resumen

El tema de este artículo consiste en la Investigación-Acción-Participativa (IAP), como metodología para estudiar los procesos que (re)definen la identidad de género de las mujeres haitianas en los espacios migratorios del Oeste de Santa Catarina. El objetivo fue desarrollar una propuesta metodológica guiada por la Investigación-Acción Participativa para investigar qué procesos (re)definen la identidad de género de las mujeres haitianas en los espacios migratorios del Oeste de Santa Catarina. La metodología adoptada para la elaboración de este artículo consistió en una investigación

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
E-mail: elizandra.iop29@gmail.com

bibliográfica basada en el pensamiento latinoamericano guiada por la perspectiva teórica decolonial. El resultado fue la elaboración de una propuesta metodológica de investigación participativa que incluye el método y metodología, el campo de investigación, los sujetos de investigación, la medición y el análisis de datos. El artículo concluye trayendo consideraciones sobre la metodología de IAP para el estudio de poblaciones que han pasado y están pasando por un proceso de marginación social.

Palabras-clave: teoría decolonial; metodología de Investigación-Acción Participativa – IAP; relaciones de género en espacios migratorios.

Introdução

O processo migratório é um fenômeno inerente na história das sociedades humanas, o que levou e leva grupos a se deslocarem de um local para outro em momentos distintos da história e transitarem por diferentes territórios. É possível identificar uma alteração nos motivos que impulsionam os processos migratórios, porém todos eles apresentam algo em comum, que é a luta pelo existir, ou seja, pelo sobreviver. Os grupos sociais ou indivíduos que migram, migram para locais estranhos e ao mesmo tempo eles são os diferentes, os chamados “outros” ao local que passam a constituir, enquanto imigrantes. Neste artigo apresentaremos uma proposta metodológica de investigação que tem como tema “As relações de gênero das Mulheres Haitianas no Oeste de Santa Catarina (SC): territorialidades ressignificadas”. Para tanto, no primeiro momento do artigo situamos o campo da pesquisa e sua problematização, para então, no segundo momento apresentarmos a proposta metodológica da pesquisa, com a definição da perspectiva teórica que norteará o estudo, o método e metodologia de investigação, local da pesquisa, sujeitos da pesquisa, instrumentos de pesquisa, mensuração e análise dos dados e as considerações finais que versam sobre a importância de uma Metodologia Investigação-Ação-Participativa (IAP) para investigação de sujeitos que foram e são colocados às margens da história da sociedade, visto enquanto objetos de investigação, quando pelo olhar da IAP eles constituem-se enquanto atores protagonistas da investigação.

Situando o campo da pesquisa

As relações sociais perpetradas ao longo das sociedades humanas com a presença da propriedade privada e de estrutura de poder patriarcal configuram relações desiguais entre os gêneros masculino e feminino. Tais relações são produzidas em vários espaços sejam eles privados ou públicos e são legitimados e incorporados por diferentes estruturas sociais, culturais, jurídicas, econômicas, políticas e religiosas em que as relações de gênero entre homens e mulheres são hierarquizadas, colocando-se o homem em posição central e superior à posição da mulher, o que estabelece uma condição de subalternidade as mulheres (ENGELS, 2000).

Na sociedade contemporânea é perceptível a hierarquização entre homens e mulheres, no entanto, na atualidade, se acrescenta a esta hierarquização entre os gêneros a condição de raça, classe e nacionalidade, pois são processos utilizados pelos sujeitos da colonialidade para legitimar a inferiorização daquele já considerado inferior, subalterno, porém necessário aos europeus, para o projeto de dominação e exploração dos territórios pré-colombianos (QUIJANO, 2005). A racialização, como afirma o sociólogo peruano Aníbal Quijano, foi uma criação do Ocidente europeu, para legitimar a escravização dos povos africanos e com isso garantir êxito no projeto moderno de sociedade. Nesse sentido, a presença da mulher, negra, pobre e migrante se apresenta mais vulnerável na sociedade que passa a se constituir como tal a partir processo migratório e colonizatório.

O processo migratório é inerente à história da humanidade, desde muito antes da antiguidade, se tem registros de que grupos humanos migravam de um local a outro em busca de fontes de alimentação, motivo que caracterizou o nomadismo. Mesmo após a Revolução Agrícola e conseqüentemente a ela, a Revolução Urbana, os processos migratórios não desapareceram, os motivos passam a serem outros, porém o ato de migrar de um local a outro e de um país a outro continuou continua a ser um fenômeno atual. Com o advento da civilização Moderna, a migração ganha novos enredos, como a migração forçada de povos africanos para outros continentes para servirem de mão-de-obra escravizada entre os séc. XVI e XIX; o processo de industrialização iniciado no séc. XVIII estimulou o êxodo rural e conseqüentemente a urbanização de países

européus; no séc. XX e XXI devido a guerras, grandes contingentes populacionais de refugiados abandonam seus países. Quanto ao Brasil, neste mesmo período, serviu como cenário para a migração forçada e no final do século XIX e início do séc. XX incentivou a imigração da população branca de países europeus para ocuparem postos de trabalho que antes eram exercidos pela mão-de-obra escravizada. Assim, um contingente populacional europeu viu no Brasil a possibilidade de melhores condições de vida e trabalho.

Já no final do séc. XX o Brasil passa a receber populações de países vizinhos entre eles o Haiti, que devido a guerra civil naquele país e uma crise econômica, vê no Brasil possibilidades de melhores condições de vida e trabalho. Porém, devido ao abalo sísmico ocorrido em fevereiro de 2010, vitimando mais de duzentas mil pessoas, o que agravou a crise econômica e a instabilidade política vivida pelo Haiti há vários anos, o processo migratório intensificou-se. Do Haiti partiram grandes contingentes populacionais para vários países do mundo, alguns próximos como é o caso dos Estados Unidos, Canadá e República Dominicana e países mais distantes no continente Europeu (TEDESCO, 2022). Nesta onda migratória do Haiti para países vizinhos, o Brasil é um dos países que passa a receber a população haitiana.

Desde então, iniciou-se um processo de diáspora em busca pela sobrevivência; primeiramente, emigraram os homens, saindo de seu país e adentrando em outros países na condição de imigrantes, caracterizando o primeiro momento da migração até meados de 2013. Já em segundo momento da onda migratória do Haiti para o Brasil, as mulheres passam a imigrar, dentre elas estão mulheres casadas com filhos, mulheres solteiras e mulheres gestantes.

Do Haiti partiram grandes contingentes populacionais para vários países do mundo, alguns próximos como é o caso dos Estados Unidos, Canadá e República Dominicana e países mais distantes no continente Europeu.

O Haiti é um dos países Latino-americano, localizado na América Central, com fronteira ao Leste com a República Dominicana e ao Leste com o Mar do Caribe e um dos países mais empobrecidos do mundo e de longa história de instabilidade política. Igualmente aos demais países Latino-americano, esteve sob o processo de colonização europeia de domínio espanhol até o final do séc. XVI. Na época sua população era

formada por povos originários – indígenas da etnia Arauaques, sendo praticamente dizimados pela colonização espanhola durante o processo de exploração aurífera. Já no século XVII por meio de um acordo entre a Espanha e a França, a parte Ocidental da ilha foi transferida para as mãos dos franceses passando a se chamar Saint Domingues. Os franceses instituíram nela o modelo de *plantation*, com a produção da cana-de-açúcar e mão-de-obra escravizada oriunda de países da África. Deste processo de colonização europeia de base escravocrata e eurocêntrica se forma uma sociedade pautada na desigualdade, na violência, opressão e subalternização, de um lado, uma elite branca escravocrata e do outro, uma população livre, formada de mestiços, pobres, ex-escravizados e um grande contingente populacional de pretos escravizados (ANDRADE, 2019).

Durante o séc. XVIII, a população mais pobre, livre e escravizada toma conhecimento dos ideais da Revolução Francesa de 1789, que passou a influenciar os movimentos pela Independência da ilha e pela libertação dos escravizados, resultando no final do séc. XVIII, no ano de 1791 na independência daquele território e no início do séc. XIX, no ano de 1804 no fim do regime escravocrata. O período de intensas revoltas e lutas que teve por objetivo a liberdade, dignidade e igualdade, ficou conhecido por revolução Haitiana de caráter social, política e econômica, liderada por um ex-escravizado descendente de africano. A Revolução haitiana marcou a ruptura com a colonização francesa e o fim do regime escravocrata, porém manteve os valores eurocêntricos implantados pela colonização. Com a independência da colônia francesa, a ilha passou a ser chamada de Haiti, passando a ser reconhecida por ter sido a primeira colônia europeia a se levantar e lutar pelo fim de um regime autoritário, de opressão e violência (ANDRADE, 2019).

O processo colonial primeiramente espanhol e em seguida francês introduziu em território haitiano uma visão de mundo eurocêntrica, instituindo formas de organização social, política, cultural e religiosa, ainda, orientando relações sociais pelas quais o poder foi sendo exercido. Dentro estas relações sociais, destaca-se as relações de gênero que foram configuradas tendo como base uma estrutura patriarcal de poder, que coloca as mulheres haitianas em uma condição de opressão, marginalidade e violência e sob domínio masculino. A opressão feminina é uma prática histórica no Haiti, sendo que

as mulheres só foram reconhecidas enquanto iguais perante a Lei, na constituição de 1986 (ROSA, 2006).

Um dos costumes haitiano é de que a influência da mulher deve ser restrita aos limites do lar, o que acaba por influenciar e determinar todos os demais aspectos de sua vida. A educação é um dos fatores que reforçam este comportamento social, devido a educação escolar ser paga, prioriza-se a educação do menino, ficando as meninas restritas a educação informal em ambiente doméstico, onde aprendem a falar o crioulo. O não acesso à escola ou o acesso tardio à escola nos primeiros anos de escolaridade, coloca a mulher haitiana em condição desfavorável em relação ao homem, dificultando sua inserção em espaços institucionais onde o francês é a língua utilizada e aprendida na escola (ARAÚJO, 2015).

Devido à estrutura de poder patriarcal, no Haiti, as mulheres haitianas sofrem com o machismo e a opressão, pois é muito comum, principalmente nas camadas mais populares, as mulheres terem vários filhos de pais diferentes, em virtude de dois fatores, o abandono paterno e a monogamia em série. Ao ser abandonada pelo marido, a mulher tende a casar com outro homem para sobreviver economicamente e acaba por ter filhos com o novo marido e isso pode vir a se repetir novamente (DESROSIERS; SEGUY, 2011).

As mulheres são consideradas espinhas dorsais na sociedade haitiana, por serem elas que movimentam o comércio de bens de primeira necessidade nas ruas das cidades; muitas são responsáveis pela agricultura, por plantarem e colherem o alimento e também venderem-no; historicamente, são responsáveis por manter a economia familiar quando os homens estão desempregados ou em processo de migração em busca de trabalho. A organização familiar haitiana apresenta certa hierarquia, em que os homens têm preferência, por exemplo, na alimentação, quando essa for escassa, só depois a mulher, os filhos homens e por último as filhas mulheres podem se alimentar (NEVES, 2011).

Assim, cabe evidenciar que o Oeste do estado de Santa Catarina é um dos territórios de destino dos imigrantes haitianos desde a primeira onda migratória, iniciada logo após o desastre sísmico de 2010. O território do Oeste catarinense foi colonizado por gaúchos descendentes em sua maioria de italianos e alemães e alguns poucos austríacos, mas todos carregam em seus costumes e tradições elementos destas culturas

e apresentam uma forte influência da religião católica. No entanto, nos últimos anos, se percebe a presença crescente de religiões pentecostais, também de raiz cristã.

Outra etnia que forma o território oestino são as etnias indígenas Kaingang e Guaranis, porém ambas vivem aldeadas com pouca participação no espaço urbano dos municípios que compõem este território. Quanto à economia desta região, está baseada na agricultura, pecuária e forte presença da agroindústria e prestação de serviços, sendo neste contexto socioeconômico e cultural que os imigrantes haitianos estão sendo inseridos.

Entende-se que os indivíduos se constituem enquanto sujeitos da história, de sua cultura, de sua língua, das relações sociais instituídas em seus locais de vivências e experiências, territorializados por interesses locais da comunidade ao qual fazem parte, sem desconsiderar as influências globais sobre o local da cultura. Porém, ao se deslocarem para espaços autóctones, sua constituição cultural receberá novas influências, estando sujeita a novas relacionidades, pois estará situada em um *ethos* cultural diferente do de sua origem cultural.

Ao migrarem para outros países as mulheres deixam seu território de origem e passam a transitar em territórios diferentes, com outras redes de sociabilidades, onde novas relações políticas, culturais, econômicas, simbólicas e culturais serão legitimadas por relações de poder, relações essas, que passarão a permear e perpetrar as novas redes de sociabilidades. Portanto, ao se inserirem na sociedade autóctone, as mulheres haitianas carregam consigo uma bagagem cultural formada em território haitiano que orienta e define sua identidade de gênero, papel e funções enquanto mulher. No entanto, o processo migratório as afasta da territorialização das relações de gênero haitiano e as insere em ambiente culturalmente diferente em alguns aspectos, porém semelhantes em outros. Mediante a isso, buscamos querer saber, **quais os processos que (re)definem a identidade de gênero de mulheres haitianas nos espaços de migração no Oeste de SC?**

Metodologia Investigação-Ação-Participativa (IAP) sob a orientação da perspectiva teórica decolonial

A perspectiva teórica decolonial se coloca ao lado do subalterno, a partir do local de fala do subalterno, de um lugar epistêmico étnico/racial/de gênero, se opondo aos paradigmas eurocêntricos e às epistemologias eurocênicas do mundo moderno

pautadas no pensamento Ocidental, racional, moderno, reconhecido como sendo o único válido, útil e verdadeiro. Assim, disseminado entre os povos originais, enfraqueceu seus saberes, suas práticas, sua cosmovisão, suas crenças, suas relações socioculturais tanto com o outro, com o meio social e com a natureza, a ponto de ocorrer um enfraquecimento e marginalização cultural. “As perspectivas epistêmicas subalternas são uma forma de conhecimento que, vindo de baixo, origina uma perspectiva crítica do conhecimento hegemônico nas relações de poder envolvidas” (GROSFOGUEL, 2008, p. 119).

Desse modo, a perspectiva decolonial tem como “objeto” de estudos os sujeitos subordinados ao domínio da episteme Ocidental racional moderna e da estrutura socioeconômica construída a partir da dominação e exploração que se dá nos territórios colonizados pela Europa a partir dos séculos XV-XVI. Há, então, numa pesquisa como essa que propomos, uma relação entre diferentes sujeitos, de distintos gêneros, implicados em relações de poder.

Como método, utilizaremos nesta pesquisa o **Materialismo Histórico Dialético**, que tem como seu principal representante Karl Marx. Método é o caminho sistematizado para chegar a algum lugar. Na pesquisa científica é o caminho para se chegar ao conhecimento científico e conhecer a essência do objeto de estudos. É todo o processo que conduz de maneira racional e planejada o desnudamento de um objeto de estudos, com a intenção de desvelar a aparência para se apropriar da essência do objeto pesquisado. É “[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto” (MARX, 1974, p. 939).

O método proposto por Marx, parte de fenômenos reais pois tem a pretensão de conhecê-los em seu desenvolvimento para então transformá-los. Não se traduz apenas em uma mera coleta de dados empíricos e de um exercício de reflexão sem compromisso com a realidade investigada.

Para Marx e Engels,

[...] não se parte do que os homens dizem, imaginam ou representam, tão pouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens, de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formulações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente contável e ligado a pressupostos materiais. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. [...] E este modo de considerar as coisas não é algo incondicional. Parte das condições reais e não as perde de vista

nem por um momento. Suas condições são os homens, mas não vistos e plasmados através da fantasia, mas em seu processo de desenvolvimento real e empiricamente registrável, sob a ação de determinadas condições (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

A pesquisa inicia de uma dada realidade empírica em que os fenômenos, objetos e seres existem e apresentam uma aparência fenomênica e é pelas relações sociais produzidas que a realidade se constitui dando forma ao *status quo*. Portanto, é deste processo que se forma a realidade em sua aparência, ou seja, a realidade objetiva e empírica, onde os elementos que a compõem estão em aparência. Em uma investigação científica mediada pelo método de Marx, é necessário abstrair sua essência, ou seja, a estrutura e a dinâmica do objeto a ser investigado. Para tanto, se faz necessário um caminho claro que conduza o pesquisador para além da aparência do objeto e se aproprie de sua estrutura, que conheça a dinâmica dele, para isso, Karl Marx propõe o método de investigação dialético,

[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento, mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou (PAULO NETO, 2011, p. 22).

Pelo método se produz um conhecimento que não é abstrato, pois o ponto de partida são os fenômenos reais, tais como se apresentam na realidade objetiva, e não de um conhecimento contemplativo, pois referir-se ao real implica a possibilidade de transformá-lo.

A teoria serve aqui como a luz para interpretar a realidade local em que se estabelecem as relações sociais e onde se encontra o objeto de investigação, envolto em fios que encobrem sua essência. E em uma investigação se faz necessário retirar seu invólucro para chegar à sua essência, para tanto, se faz necessário um conhecimento que é produzido pelo método que é o conhecimento teórico. “[...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura dinâmica - tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (PAULO NETO, 2011, p. 20, grifo do original). A teoria em Marx é um tipo específico de conhecimento que se distingue do pensamento mágico-religioso, da arte, do senso comum estabelecido no cotidiano, sendo, como se diz anteriormente, o conhecimento do objeto de estudos.

Na concepção marxiana de teoria,

[...] a teoria é a reprodução, no plano do pensamento, do movimento real do objeto. Esta reprodução, porém, não é uma espécie de reflexo mecânico, com o pensamento espelhando a realidade tal como um espelho reflete a imagem que tem diante de si. Se assim fosse, o papel do sujeito que pesquisa, no processo do conhecimento, seria meramente passivo (PAULO NETO, 2011, p. 25).

É esta reprodução que garante o conhecimento teórico, quanto maior for o rigor, ou seja, quanto mais fiel for o sujeito ao objeto de estudo, maiores as possibilidades de se produzir o conhecimento científico. O papel do sujeito no processo de investigação garante a cientificidade do conhecimento, portanto, para Marx,

[...] o papel do sujeito é essencialmente *ativo*: precisamente para aprender não a aparência a forma dada ao objeto, mas sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para aprendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é *fundamental* no processo de pesquisa (PAULO NETO, 2011, p. 25, grifos do original).

No processo de investigação da realidade objetiva, a relação entre sujeito e “objeto” pode ser compreendida como uma relação que ambos possuem subjetividade, vontade e consciência, sendo que muitas vezes o sujeito também pode ser o objeto de investigação. Portanto, “[...] a pesquisa – e a teoria que dela resulta – da sociedade exclui qualquer pretensão de ‘neutralidade’, geralmente identificada de ‘objetividade’” (Paulo Neto, 2011, p. 23; grifos do original). Porém, o próprio autor destaca, que a não neutralidade não exclui a objetividade do conhecimento teórico, pelo fato da teoria ter uma instância de verificação de sua verdade, instância que é a prática social e histórica (PAULO NETO, 2011).

No processo investigativo em Ciências Sociais, as técnicas ou instrumentos de pesquisa precisam condizer com o tipo de pesquisa a ser realizada. Técnicas e instrumentos que possibilitem uma maior interação entre sujeito/objeto e que sejam capazes de propiciar ao sujeito a apropriação da essência do objeto de estudos. Pois, para o método de Marx, o conhecimento está da absorção pelo sujeito da estrutura dinâmica do objeto investigado. Sendo assim, as técnicas de pesquisa e seus instrumentos se diferenciam das utilizadas em pesquisas positivistas experimentais, constituindo-se em uma grande variedade,

[...] desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação etc. Estes instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para apoderar-se da ‘matéria’, mas não devem ser identificados como o método: instrumentos e técnicas similares podem servir [...] (PAULO NETO, 2011, p. 25-26; grifo do original).

Subtende-se a partir disso que o conhecimento científico envolve a práxis, isto é, uma visão de mundo que implica uma prática e uma prática que necessita do conhecimento que se volta para a realidade investigada a fim de promover transformações. “Daí também a noção de que o conhecimento deve prover os meios para se transformar o mundo, de que o conhecimento, pelo menos para Marx, é um conhecimento comprometido com uma data transformação” (ANDERY; SERIO, 2000, p. 414).

Nessa pesquisa, adotaremos uma abordagem qualitativa, pois tem como finalidade chegar à essência do objeto de estudos, para isso é necessário explicá-lo, explorá-lo e descrevê-lo, não quantificá-lo. A pesquisa qualitativa, “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22). A finalidade da pesquisa qualitativa é a compreensão, explanação e especificação de um dado fenômeno que se encontra no campo objetivo da realidade e se caracteriza enquanto um fenômeno social.

A pesquisa qualitativa de aspiração dialética, considera a totalidade elemento fundante para a compreensão da essência do objeto de estudos, para que não haja o risco de se restringir apenas à descrição desse sem considerar sua complexidade. Portanto, “Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos” (MINAYO, 2002, p. 23-24). Nesse tipo de pesquisa o objeto de estudo deve ser entendido nas suas determinações e transformações objetivas ocorridas no campo da realidade e promovidas pelo sujeito, considerando sua relação com o todo que o determina e determina sua complexidade.

A pesquisa qualitativa,

Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou ‘objetos sociais’ apresentam (MINAYO, 2002, p. 25; grifo do original).

A interpretação do “objeto” de estudos e seus significados são de fundamental importância na pesquisa qualitativa. “A pesquisa qualitativa parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (MATIAS-PEREIRA, 2010, p. 71).

Esta pesquisa adotará um corte transversal por ter como fenômeno a ser investigado um fenômeno atual.

A metodologia adotada para a pesquisa será a da investigação-ação-participativa (IAP) que tem o sociólogo Orlando Fals Borda (1925 – 2008) como um de seus principais expoentes. Para o autor a IAP,

[...] propone una cercanía cultural con lo propio que permite superar el léxico académico limitante; busca ganar el equilibrio con formas combinadas de análisis cualitativo y de investigación colectiva e individual y se propone combinar y acumular selectivamente el conocimiento que proviene tanto de la aplicación de la razón instrumental cartesiana como de la racionalidad cotidiana y del corazón y experiencias de las gentes comunes, para colocar ese conocimiento sentipensante al servicio de los intereses de las clases y grupos mayoritarios explotados, especialmente los del campo que están más atrasados (FALS BORDA, 1987, p. 5).

O autor considera que o conhecimento, os saberes populares de grupos marginalizados por um sistema econômico, político e cultural deva ser resgatado e aplicado pelo pesquisador em conjunto com os sujeitos investigados para a transformação da realidade social do grupo investigado. Este processo de ação-reflexão-ação é conhecido como práxis social e é a práxis que promove transformações significativas na realidade vivida. O conhecimento científico apresenta validade, desde que articulado com o conhecimento popular a partir da práxis, que é “[...] entendida como uma unidade dialética formada pela teoria e pela prática, na qual a prática é ciclicamente determinante” (FALS BORDA, 2015 [1979], p. 273 *apud* CICHOSKI; ALVES, 2019, p. 78).

A reflexão-ação, segundo Orlando Fals Borda, possibilita formação política do grupo investigado, e que são grupos que historicamente foram sendo explorados e marginalizados por um sistema econômico mundial capitalista. Sistema esse estranho à organização sócio-política e cultural dos povos originários, mas que por séculos orientou que o conhecimento válido é o conhecimento científico de origem iluminista e eurocêntrico.

Para o mesmo autor, a IAP se consolida como meio para a produção da ciência popular, que é o saber popular com validade,

[...] precisou-se redefinir a relação prática-teórica, considerando-as numa *combinação dialética*, evidenciando-se a *prática reflexiva* como fundamento da transformação social e da satisfação dos interesses dos explorados pelos agentes do capital, [...] precisou-se superar a separação *sujeito-objeto* por meio da relação *sujeito-sujeito*, isto é, da unidade entre os conhecimentos acadêmicos e populares, para uma *utilização prática* (PACHÓN-SOTO, 2013 *apud* SAQUET, 2019, p. 13, grifo do original).

Na ação-reflexão-ação,

El conocimiento avanzaba entonces como en una espiral continua en que se procedía de lo más sencillo a lo más complejo, de lo conocido, todo en contacto permanente con las bases. De éstas se recibían los datos; se catuaba con ellas; se digería la información en un primer nivel; y se reflexionaba en un nivel más general. Luego se devolvían los datos de manera más madura y ordenada; se estudiaban los efectos de esta devolución; y así indefinidamente, aunque dentro de plazos prudenciales determinados por la lucha misma y sus necesidades (FALS BORDA, 1981, p. 33-34).

No processo de produção de conhecimentos válidos para a transformação e desenvolvimento da realidade, o grupo social e seus sujeitos investigados participam ativamente de todo o processo, tendo o diálogo horizontalizado como o fio que vai mediar as relações entre pesquisador e sujeitos investigados. Partir da realidade prática do sujeito investigado, refleti-la e voltar-se reflexivamente para a prática social, é o que proporcionará validade dos conhecimentos locais para serem utilizados de forma significativa, portanto, compreensível cultural, econômica e politicamente, tanto na formação política do grupo como em seu desenvolvimento transformatório, sem agredir a visão de mundo originária destes sujeitos.

A IAP precisa ser realizada num processo dialético, dialógico e que se coloca contra a hegemonia do capital e de seus desdobramentos e considera os sujeitos sentipensantes, capazes de agirem e refletirem em prol do desenvolvimento territorial. O conhecimento produzido no interior das relações sociais do grupo e produzidos por estes sujeitos tem utilidade dentro de um contexto cultural, de uma territorialidade que apresenta dimensões culturais, sociais, políticas, religiosas, econômica e educacional. O sujeito sentipensante tem voz e precisa ser ouvido no processo de investigação, ele é fundamental, primordial para que o desenvolvimento territorial ocorra de forma que

esse produza sentidos e significados e que esses façam parte da subjetividade e da objetividade dos sujeitos. Para isso,

É fundamental, [...] reconhecer a centralidade da voz, das demandas, das necessidades, dos sentimentos e dos desejos do povo, produzindo-se conhecimentos *com* ele, por meio de suas territorialidades e temporalidades ou de uma *consciência de classe* e de *lugar*. [...] Precisamos produzir, juntamente com o *conhecimento universal*, *conhecimentos contextualizados com nossas realidades singulares e complexas*. O pesquisador necessita estender e *difundir* seus conhecimentos, colocando-os ao alcance das comunidades urbanas e rurais para resolver problemas nas sociedades locais (FALS BORDA; MORA-OSEJO, 2013 *apud* SAQUET, 2019, 12-11, grifo do original).

Os saberes locais de culturas marginalizadas que, no processo colonial, foram rejeitados, descartados e negados devido aos agentes da colonização não os considerarem úteis para o processo colonial em curso. Atualmente, por meio de um outro paradigma procura-se resgatar este saber e reconhecer a centralidade destes sujeitos no processo de transformação da realidade social e na formação política dos sujeitos, conforme pretendemos fazer.

Não é o caso de rejeitar totalmente o conhecimento científico iluminista eurocêntrico, mas de articulá-los em prol da promoção de um desenvolvimento territorial que contemple dignamente a dignidade do povo que habita estes territórios. A IAP tem como propósito a emancipação social e política de povos ou grupos que tem um histórico de dominação, exploração, desumanização, coisificação e subjugação.

Portanto, como diz Orlando Fals Borda,

Trabalhar com o povo, então, corresponde a uma das maneiras que temos para contribuir com sua emancipação político-cultural, para melhorar as condições de vida cotidiana, num fio de práxis vinculada ao *conhecimento emergente* ou *subversivo*, prático, herdado culturalmente do saber popular para trabalhar, criar e viver, atendendo as urgências e necessidades do povo (FALS BORDA, 1981 *apud* SAQUET, 2019, p. 11, grifo do autor).

A metodologia adotada na IAP tem como ponto de partida o diagnóstico, a consulta junto aos atores sociais em busca de suas opiniões, pontos de vistas sobre o “objeto” em estudo que se busca investigar. Na IAP os sujeitos de pesquisa são reconhecidos enquanto atores sociais que participam ativamente do processo investigativo, se fazendo necessário saber ouvi-los. O pesquisador será quem coordenará o processo investigativo, mas os participantes da pesquisa - atores sociais estão durante o período da pesquisa participando dela, dando dicas, fazendo

apontamentos, interagindo na pesquisa como coinvestigadores. Na IAP, ao se estudar um fenômeno social envolvendo os atores sociais, buscar-se-á a transformação da realidade social promovendo ações voltadas a este propósito. As ações propostas para a transformação serão pensadas e efetivadas em conjunto, pesquisador e atores sociais.

Segundo Miguel Martínez,

[...] los sujetos investigados son auténticos coinvestigadores, participando activamente en el planteamiento del problema que va a ser investigado (que será algo que les afecta e interesa profundamente), en la información que debe obtenerse al respecto (que determina todo el curso de la investigación), en los métodos y técnicas que van a ser utilizados, en el análisis y en la interpretación de los datos y en la decisión de qué hacer con los resultados y qué acciones se programarán para su futuro (MARTÍNEZ, 2009, p. 240).

Na IAP os atores sociais se constituem investigadores ativos desde o início da investigação até sua finalização e em toda a investigação pensarão conjuntamente com investigador. “Ellos participan en los diferentes procesos, en la toma de decisiones y en las acciones concretas que se van a desarrollar durante la investigación; además, los frutos de la investigación se convierten a su vez en insumos para mejorar y/o transformar sus propias prácticas sociales o educativas” (ESCALONA, 2015, p. 108).

Segundo Ana Mercedes Colmenares Escalona, a investigação seguirá algumas etapas,

Las fases implican un diagnóstico, la construcción de planes de acción, la ejecución de dichos planes y la reflexión permanente de los involucrados en la investigación, que permite redimensionar, reorientar o replantear nuevas acciones en atención a las reflexiones realizadas (ESCALONA, 2015, p. 107).

A investigação, de acordo com Ana Mercedes Colmenares Escalona, segue quatro fases, sendo elas: 1) Definir a temática; 2) Construção do plano de ação; 3) Execução do plano de ação; 4) Encerramento da investigação, na qual se sistematizam e geram aproximações teóricas que podem servir de orientação para novos ciclos de investigação, criando um binômio entre o conhecimento e a ação, processo esse que implicará em transformações. Logicamente que todas as fases são integradas por um processo reflexivo permanente de todos os envolvidos na pesquisa, seja o pesquisador como os atores sociais investigados (ESCALONA, 2015).

Na reflexão-ação deve-se considerar três aspectos importantes,

[...] I – as relações de reciprocidade entre ‘[...] *sentido comum, ciência, comunicação e ação política*’; II – a interpretação da realidade a partir da luta de classes e; III – o estudo da combinação entre sujeito e objeto, considerando as consequências políticas dessa relação (FALLS BORDA, 2015, [1979], p. 279 *apud* CICHOSKI; ALVES, 2019, p. 78, grifo do original).

O problema de pesquisa a ser investigado se constitui da seguinte forma, **quais os processos que (re)definem a identidade de gênero de mulheres haitianas nos espaços de migração no Oeste de SC?**

Para fazer a análise deste problema de pesquisa selecionamos algumas **categorias conceituais** centrais como: Território, Decolonialidade, relações de poder, papéis e funções sociais da mulher; identidade sociocultural; participação da mulher na esfera privada e pública; Gênero; Classe; Raça e Nacionalidade.

Estabelecemos alguns **indicadores** para a análise do problema de pesquisa:

- **Sócio econômico:** desigualdade de gênero; renda; qualificação profissional; campo de atuação.
- **Cultural:** patriarcalismo, vida social; cidadania; identidade cultural e profissional; inserção cultural; relações de gênero.
- **Local da pesquisa:** cidade de Xanxerê e Chapecó localizadas no Oeste do estado de Santa Catarina.
- **Sujeitos da pesquisa:** mulheres haitianas entre 18 a 50 anos, um total de 20 mulheres.
- **Coleta de dados:** a coleta de dados será feita mediante a interação da pesquisadora com as mulheres haitianas. Como instrumento de coleta de dados será utilizado entrevistas semiestruturadas, cartografia social e rodas de conversa.

A entrevista semiestruturada,

[...] pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas por meio de um roteiro de entrevistas constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida (HAGUETTE, 2005, p. 86).

A roda de conversa é uma técnica de pesquisa que permite ao pesquisador uma maior interação com os sujeitos da pesquisa. Consiste em uma participação coletiva em que se debaterá a temática que estará sendo investigada. Pela roda de conversa é possível dialogar com os sujeitos de forma coletiva, pelo exercício reflexivo do falar e do saber ouvir. Na roda de conversa as relações de poder se horizontalizam, criando possibilidades de ressignificação de sentidos – saberes – sobre as experiências dos participantes.

Neste viés,

As rodas são mais do que disposição física (circular) dos participantes e bem mais que uma relação custo-benefício para o trabalho com grupos. Elas são uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social, efetivando-se a partir das negociações entre sujeitos. O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de ser mais (SAMPAIO *et al* 2014, p. 1301).

Será também adotada a técnica da cartografia social para a coleta de dados. A Cartografia provém da Geografia e,

[...] é um termo que faz referência à ideia de mapa, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma `estática`, e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado (FONSECA; KIRST, 2003, p. 92).

A cartografia no campo das Ciências Sociais e na pesquisa qualitativa vai além da identificação das relações sociais, a cartografia social “[...] trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 46).

A cartografia social é entendida como uma mediação para a coleta de dados que se utiliza do olhar crítico e de ações políticas, descrevendo as relações sociais de poder, suas, trajetórias, formações históricas e no seu decorrer faz alusões ao rompimento e a resistência com aquilo que já existe.

Será também realizada a observação participante, sendo essa uma técnica de coleta de dados que possibilita uma interação direta entre o pesquisador e os sujeitos investigados em relação ao fenômeno pesquisado a ser observado. Por esta técnica o pesquisador vivencia pessoalmente as relações sociais que constitui o “objeto” de estudo, para melhor entendê-lo. Esta técnica consiste em ir a campo, se inserir no contexto onde as relações sociais a respeito do fenômeno investigado acontecem, vivenciando-as na prática e em conjunto com os sujeitos investigados com o objetivo de obter informações sobre aquilo que se está investigando no momento real em que as relações sociais se estabelecem.

Por meio desta técnica,

O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que é de mais imponderável e evasivo na vida real (CRUZ NETO, 2002, p. 1994).

Esta técnica de pesquisa para que obtenha êxito, necessita que o pesquisador tenha empatia pelo grupo e vice-versa.

Organização e análise dos dados: os dados das entrevistas e da roda de conversa serão transcritos para um meio digital, já os dados advindos da observação, esses serão transcritos em um diário de campo, para em seguida ser realizada a análise dos dados. A análise dos dados coletados será realizada por meio da análise de discurso (AD).

Os dados coletados serão agrupados em categorias de análise, que,

[...] se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou se relacionam entre si. [...] As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. [...] trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso (GOMES, 2002, p. 70).

Após a organização dos dados em categorias de análise ocorrerá a análise de discurso sobre dos dados coletados e agrupados.

A análise de discurso,

[...] não trata da língua, não trata da gramática, embora essas coisas todas lhe interessem. Ela trata do discurso. É a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2005, p. 15).

A AD tem por finalidade analisar as diversas formas de produção do discurso, podendo ser verbais e não verbais, desde que sua materialidade produza sentido para a interpretação. A AD se utiliza do sentido da narrativa e não do conteúdo do texto ou da fala.

Um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendido como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando 'pistas' do sentido que o sujeito pretende dar (CARAGNATO; MUTTI, 2006, p. 680-681).

Assim, a linguagem expressa sentidos que foram construídos sócio historicamente e assujeitando, ou seja, interpelando o sujeito na sociedade por meio da ideologia da Superestrutura.

Considerações finais

Pela perspectiva teórica decolonial, os sujeitos da pesquisa que foram subalternizados, marginalizados, excluídos enquanto cidadãos e sujeitos políticos e socioculturais, tendo suas humanidades violentadas pelos valores eurocêntricos, são por esta perspectiva colocados no centro do processo de investigação, não são mais objetos de estudo e sim atores sociais da pesquisa juntamente com o pesquisador.

Seus saberes são considerados válidos, úteis e verdadeiros por uma nova epistemologia do conhecimento, que considera que o fazer ciência exige não apenas um método racional, o experimento e uma análise racional do pesquisador. E sim, uma pesquisa pela nova epistême considera que seja realizada por seres sentipensantes, isso quer dizer, que fazer ciência e produzir conhecimento científico necessita que pensamos com o sentimento e sintamos com o pensamento.

Como este artigo trabalhou na elaboração de uma proposta metodológica de IAP, entendemos, que por esta metodologia a forma de abordagem aos sujeitos da pesquisa – atores sociais, ocorrerá de forma humanizada, pois os atores sociais da pesquisa participam não somente como depoentes para a coleta de dados, e sim, atuando em todas as fases da pesquisa, pois essas são integradas por um processo reflexivo permanente de todos os envolvidos na pesquisa, tanto o pesquisador como os atores sociais investigados.

A abordagem metodológica IAP considera que os atores sociais da pesquisa participam do todo da pesquisa, desde seu início ao término, pois os problemas de investigação devem falar com eles, o fenômeno a ser investigado e sua complexidade devem ser considerado problema de pesquisa a partir deles e por eles. Pois, somente desta forma o propósito tanto da perspectiva teórica decolonial e da IAP atingirá os seus propósitos que é a transformação social, ou seja, a emancipação social, cultural política e econômica dos atores sociais da pesquisa.

Portanto, concluímos dizendo, que pesquisar orientados pela teoria decolonial e fazendo uso da metodologia IAP é um verdadeiro desafio ao romper com valores e com práticas hegemônicas de pesquisa advindas das ciências modernas, alterando as relações entre pesquisador e atores sociais, ambos estarão no mesmo grau de hierarquia ao investigar, ou seja, as relações de poder entre pesquisador e atores sociais da pesquisa se horizontalizam.

Referências

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx. In: ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2000. cap. 22, p. 395- 425.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **Haiti: dois séculos de história**, de Everaldo de Oliveira Andrade. São Paulo: Alameda, 2019.

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino. Limitações e estratégias de ação feminina na sociedade haitiana: categorias de articulação/interseccionalidades. **Revista Agenda Social**, v. 9, n. 2, p. 19 – 28, 2015. Disponível em: < <https://revistaagendasocial.com.br/wp-content/uploads/2022/07/volume-9-n-2.pdf>> Acesso em: 15 set. 2023.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTA, Regina. Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto Contexto - Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, out-dez, 2006. p. 679-684. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CICHOSKI, Pâmela; ALVES, Adilson Francelino. A Pesquisa Ação na obra de Orlando Fals Borda: contribuições para pensar o desenvolvimento rural. **Campo-Território: revista de geografia agrária**. v. 14, n. 34, p. 61-85, dez, 2019. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/51309/28674>> Acesso em: 20 jul. 2022.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. Cap. 3, p. 51-66.

DESROSIERS, M.; SEGUY, F. Haiti: as violações coletivas da Minustah. *Diário da Liberdade*. Portal anticapitalista da Galiza e os países lusófonos. Disponível em: <https://www.diarioliberalidade.org/america-latina/repressom-e-direitos-humanos/19674-haiti-as-violacoes-coletivas-da-minustah.html> Acesso em: 20 ago. 2023.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ESCALONA, Ana Mercedes Colmenares. Investigación-acción participativa: una metodología integradora del conocimiento y la acción. **Revista Latinoamericana de Educación**, Centro de Pesquisa e Treinamento em Educação. Universidade dos Andes, Bogotá, Colômbia, v. 3, n. 1, p. 102-115, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18175/vys3.1.2012.07>

FALS BORDA, Orlando et al. **Investigación Participativa y praxis rural**: nuevos conceptos en educación y desarrollo comunal. Lima/Peru: Mosca Azul Editora, 1981.

FALS BORDA, Orlando. **Investigación Participativa**. Montevideo: La Banda Oriental, 1987. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/246468746/Fals-Borda-Aspectos-Teoricos-Da-Pesquisa-Participante>> Acesso em: 17 jul. 2022.

FONSECA, Tania Mara Gali; KIRST, Patrícia Gomes. **Cartografia e devires**: a construção do presente. Porto alegre: UFRGS, 2003.

GOMES, Romeu. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. Cap. 4, p. 67- 80.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Tradução de Inês Martins Ferreira. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, n. 80, 2008, p. 115-147. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 10. ed. Rio de Janeiro, 2010.

JOINT, L. A. Sistema educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. **Pro-Posições**, maio/ago 2008. 181-191. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200013>

MARTÍNEZ, Miguel. **Ciencia y arte en la metodología cualitativa**. México: Trillas, 2009. Disponível em: <
file:///C:/Users/Windows/Downloads/Ciencia_y_Arte_en_La_Metodologia_Cualita.pdf
> Acesso em: 17 jul. 2022.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas - 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. Cap. 1, p. 9-27.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004>. Acesso em: 29 jul. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005. Cap. 9, p. 107 – 142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 1 set. 2023.

SAMPAIO, Juliana et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface – Comunidade Saúde Educação**. Pernambuco, 18 Supl 2, p. 1299-1312, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>

SAQUET, Marcos Aurélio. Ciência popular e contra-hegemonia no desenvolvimento. In: CURY, M.; MAGNANI, E.; CARVALHO, R. (org.). **Ambiente e território: abordagens e transformações sociais**. Londrina/PR, Madreperóla, 2019. p. 20-40.

TEDESCO, João Carlos. **Imigração no Sul do Brasil: transnacionalismos, sociabilidades e desenvolvimento econômico**. Passo Fundo: Acervus, 2022.

Recebido em 19/08/2023.

Aceito para publicação em 15/09/2023.